

GASTURA ENQUANTO SINTOMA: UMA INVESTIGAÇÃO SEMÂNTICA EM TEXTOS LITERÁRIOS ANTIGOS E ARTIGOS DE LINGUÍSTICA MÉDICA

Renato Faria da Gama (UFRJ, FMC, IPEMED-Afya e UENF)

renatofgama@gmail.com

Maria Antônia Andrade Rangel (FMC)

andraderangel06@gmail.com

Fábio Ramos Sandes (FMC)

frsandes95@gmail.com

João Paulo G. B. de Moura (FMC)

jpgbm92@hotmail.com

Lorena Pereira Escocard (FMC)

lorena.escocard1@gmail.com

Lucas Correa Diminic (FMC)

lucasdminicadv@gmail.com

Lucas de Souza Gomes (FMC)

lucasbr@hotmail.com

RESUMO

O vocábulo *gastura* é derivado do verbo *agastar*, comum em obras da literatura brasileira. Na prática clínica, pacientes utilizam a expressão para se referir a uma grande variedade de sintomas, embora não conste nos compêndios de semiologia e propedêutica médica, por não ser um termo técnico da saúde. Neste trabalho, os autores propõem uma investigação dos sentidos do termo *gastura* por meio de uma confrontação semântica entre obras literárias dos séculos XIX e XX e pesquisas médicas que utilizem o vocábulo. A metodologia aplicada incluiu a busca em mecanismos de pesquisa da *internet*, avaliação semântica a partir do contexto de sua utilização nos textos literários e a comparação dessas representações em artigos médicos que apliquem *gastura* no sentido de sintomas. Foram identificadas nove ocorrências do termo na literatura brasileira, distribuídas em cinco obras, de autoria de três poetas. Os resultados demonstram que durante o século XIX, o vocábulo se apresentou grafado como *agastura* e tinha um significado predominantemente relacionado a afetações psíquicas diante de situações geradoras de constrangimento ou repulsa. Em registros do século XX, o termo deixou de ser grafado com a vogal ‘a’ e esteve frequentemente referido a um segmento corporal, de forma assemelhada ao aplicado na contemporaneidade. Os autores concluem que existe relativa articulação semântica entre a forma como o vocábulo foi aplicado ao longo do século XX na literatura brasileira e a maneira como é utilizado pelos pacientes na atualidade para manifestar sintomas. Destaca-se que a linguística clínica e médica é um campo fértil de estudos pouco explorado no Brasil. Defende-se, portanto, que representa um tema relevante na educação médica, especialmente durante as disciplinas de propedêutica e semiologia médica, quando se aprende as técnicas de coleta de anamnese.

Palavras-chave:

Competência cultural. Comunicação interdisciplinar. Medicina na literatura.

ABSTRACT

The word *gastura* is derived from the verb *agastar*, common in works of Brazilian literature. In clinical practice, patients use the expression to refer to a wide variety of symptoms, although it is not included in compendiums of semiology and medical propaedeutics, as it is not a technical health term. In this work, the authors propose an investigation of the meanings of the term *gastura* through a semantic confrontation between literary works from the 19th and 20th centuries and medical researches that use the word. The applied methodology included the search in *internet* search engines, semantic evaluation from the context of its use in literary texts and the comparison of these representations in medical articles that apply *gastura* in the sense of symptoms. Nine occurrences of the term were identified in Brazilian literature, distributed in five works, authored by three poets. The results demonstrate that during the nineteenth century the word was written as *agastura* and had a predominant meaning related to psychic affectations in the face of situations that generated embarrassment or repulsion. In records from the 20th century, the term was no longer spelled with the vowel “a” and was frequently referred to a body segment, similarly to the one applied in contemporary times. The authors conclude that there is a relative semantic articulation between the way the word was applied throughout the 20th century in Brazilian literature and the way it is currently used by patients to manifest symptoms. They emphasize that clinical and medical linguistics studies are a fertile field of studies that has been little explored in Brazil. They argue, therefore, that it represents a relevant topic in medical education, especially during the disciplines of propaedeutics and medical semiology, when learning about anamnesis collection techniques.

Keywords:

Cultural competence. Interdisciplinary communication. Medicine in literature.

1. Introdução

As percepções dos indivíduos a respeito de disfunções em seu funcionamento corporal, mental e emocional são transmitidas por meio da linguagem aos profissionais de saúde. Apesar de os seres humanos compartilharem noções análogas a respeito de símbolos e seus significados, cada pessoa tem algumas vivências individuais, mesmo quando se faz menção a um conhecimento universal. Apesar de representarem um conceito comum, falantes de idiomas diferentes lançam mão de signos linguísticos distintos e essa diversidade pode ser encontrada mesmo entre pessoas que falam a mesma língua, particularmente quando existe um distanciamento histórico ou regional. Como as demais línguas, o português brasileiro é um processo dinâmico, no qual alguns vocábulos podem

sofrer modificações, entrarem em desuso ou receberem novos elementos ao longo do tempo.

O verbo *agastar* é um representante que ilustra o fenômeno linguístico descrito anteriormente. Vastamente utilizado no português durante os períodos colonial e imperial, pode ser encontrado em obras da literatura brasileira, sendo possível realizar sua investigação semântica. Na contemporaneidade, pouco se observa seu uso na forma original, embora sua derivação *gastura* seja eventualmente utilizado num amplo espectro de possibilidades semânticas. Uma vez que não se apresenta como expressão técnica de uma manifestação clínica, o termo não é encontrado nos livros de propedêutica e semiologia médica. Por esse motivo, quando utilizada no contexto clínico para descrição de um sintoma, é relevante que o médico tenha o cuidado de verificar se ocorreu um entendimento apropriado do sentido desejado pelo paciente, sob risco de ocorrência de ruídos capazes de obstaculizar a interpretação das queixas e, conseqüentemente redundar em um erro diagnóstico.

Neste trabalho, foi executada uma pesquisa em ferramentas de busca da internet, com objetivo de identificar a ocorrência do vocábulo *gastura* ou de expressões relacionadas ao verbo em obras da literatura brasileira, a fim de investigar as origens semânticas da expressão e compará-las às aplicações hodiernas no cotidiano da clínica. Apesar da relevância da comunicação em saúde, não são frequentes no Brasil os estudos em linguística clínica, estando os italianos na vanguarda dessas pesquisas entre os países que utilizam os idiomas latinos. Por esses motivos, os autores justificam a relevância deste tipo de estudo no cenário das pesquisas médicas e linguísticas, propondo que a análise filológica do sentido de vocábulos em obras da literatura nacional seja uma metodologia útil na investigação semântica de termos cujo sentido tenha sofrido mudanças históricas ou regionais.

2. Metodologia e Análise dos Dados

Os autores executaram uma revisão narrativa a respeito das ocorrências do vocábulo em tela com objetivo de investigar seu sentido nos textos literários, a fim de buscar sua interpretação original, comparando posteriormente com a ocorrência da expressão na literatura médica. Após a identificação, os fragmentos foram submetidos a uma análise semântica a partir da referência histórica, ou seja, buscando a compreensão do sen-

tido do termo conforme a sua noção expressa pelo contexto literário, desde o início do uso da Língua Portuguesa no Brasil.

Foi utilizada a ferramenta de buscas *Google*, utilizando os termos “*gastura*” e “literatura brasileira”, aplicando a expressão booleana AND. O único critério de exclusão foi a ocorrência em textos que não façam parte da literatura brasileira.

Concluída a pesquisa pelos textos literários, foi feita outra pesquisa, desta vez na base *Google Acadêmico*, pesquisando apenas pela expressão *gastura*. Foram excluídos textos sem resumo e incluídos aqueles que discutiam o significado de *gastura* ou mencionavam a expressão como sintoma. Os resultados obtidos desse segundo momento metodológico foram utilizados em comparação com os dados do primeiro, em busca de concorrências semânticas de sinais, sintomas, órgãos, aparelhos, sistemas ou regiões corporais entre as duas modalidades de textos.

3. Resultados

Foram identificadas nove ocorrências do vocábulo e seus derivados em textos da literatura brasileira. Essas ocorrências foram encontradas em cinco obras distintas, escritas por três poetas brasileiros, distando 85 anos entre a publicação da mais antiga e a mais recente. Um sumário dos resultados pode ser verificado na tabela 1.

Tabela 1: Sumário dos resultados obtidos nos textos literários que utilizam o vocábulo *gastura* ou assemelhados.

Obra, autor, ano de publicação	Fragmento onde ocorre o termo ou expressão assemelhada	Análise do contexto histórico e literário da aplicação do termo	Interpretação semântica da expressão
A Guerra dos Mascates, José de Alencar, 1871.	“Acompanhara Leonor com a vista ao seu tope azul até o momento de o levar aos lábios o cavaleiro; então uma onda de rubor lhe subiu ao rosto. Foi quando tornou a si desse desmaio que reparou a furto no galante cavalheiro, e não se pode esquivar de achá-lo gentil e airoso. Mas, <u>agastada</u> pela	O fragmento apresenta o contato inicial entre duas personagens que ficarão enamorados, Vital Rebello e D. Leonor, que deixa cair uma fita, que é apanhada por Vital, fazendo menção de devolvê-la após levá-la ao peito. Leonor apercebe-se de ter demonstrado encanto	“agastada de vergonha” no sentido de estar dominada por um sentimento de timidez.

	<p>vergonha que lhe causava, não repoznelle os lindos olhos negros, ainda que não deixou de volver-lhe uma e muitas vezes a vista de relance. Nessa hora decidiu-se o destino de Vital Rebelo”.</p>	<p>pelo rapaz, o que lhe deixou ruborizada pela timidez, momento quando o texto a descreve “agastada pela vergonha”.</p>	
<p>A Guerra dos Mascates, José de Alencar, 1871.</p>	<p>“— Ora não se zangue, prima Ignacinha; disse o Cosme com ar magano, que eu tenho um segredinho para lhe contar? — De Olinda? Perguntou a Ignacia em cócegas. O que é? — Escute! Conchegaram-se os dois a um canto, e poz-se o Cosme a cochichar no ouvido da prima, que estava n’um formigueiro com a pressa de ir-se ao serão ajustados, e o prazer da novidade que levava. Acompanhara o gagueiro o tal segredo de um accionado original, e de uns requebros de corpo, com que se enroscava pela Ignacinha, a qual não se agastava com essas licenças oratórias do escrevente”.</p>	<p>As personagens Cosme Borrvalho e sua prima Ignacia conversam em tom de mútua sedução, disfarçada por um pretexto de parentesco. Justificado por ter um segredo a contar por cochicho, Cosme e Ignácia procuram um local discreto para que este lhe falasse ao ouvido, sem que isso lhe deixasse agastada com as mesmas formalidades que o autor utilizava para descrever a cena.</p>	<p>“não se agastava com essas licenças” no sentido de não se constrianger com um galanteio.</p>
<p>A Guerra dos Mascates, José de Alencar, 1871.</p>	<p>“— Ah! outra cousa, moço!... disse de repente a Rufina atalhando a sahida ao Cosme. Quem foi que fez o desaforo daquela trova que você trouxe? — Quem... quem... quem... fe... fe... fez... a... a... qua... qua... qua... — Sim, sim, a quadra I gritou a senhora Rufina a quem estava agastando os nervos aquella amolação.</p>	<p>Rufina demonstra desconforto com a quadra trazida por Cosme e pergunta quem a teria escrito. Cosme, descrito no texto como personagem gago, titubeia para responder ao questionamento e Rufina argumenta que ele deveria saber quem era o autor, pois ele teria trazido. A situação deixa Rufina</p>	<p>Agastada com uma amolação no sentido de aborrecida.</p>

	<p>— Não... não sei!</p> <p>— Por força que ha de saber. Você que a trouxe.</p> <p>— Eu... ju... ju... ju... eu ju...</p> <p>— Estou vendo, homem, que você não, serve para escrivão; gagueja que não se entende! disse a Rufina em tom decidido”.</p>	<p><u>agastada</u> com aquele aborrecimento.</p>	
<p>Til: Romance Brasileiro. Volume III. José de Alencar, 1872.</p>	<p>“Esses cacoetes de caipira molestavam o tacto delicado de Linda, a quem a educação esmerada, que recebera de sua mãe, dera a fina fiôr das maneiras, e imprimira o tom da mais pura elegância. Quando Miguel a tractava de mecê, ou enrolava deante delia a palha de um cigarro, o coração da menina apertava-se com <u>agastura</u> indescriptivel, e ellas offria desgosto igual ao que lhe causaria uma nodoa cahindo no mais bonito e faceiro de seus vestidos.</p>	<p>As duas personagens são: Linda e Miguel. A primeira, moça de educação polida, sentia e Miguel, um rapaz de modos rudes. Ao presenciar os hábitos deselegantes de Miguel, Linda sentia aperto no coração descrito como agastura.</p>	<p>Agastura como desconforto no coração produzido por situação de contrariedade.</p>
<p>Vindita Braba, Othon Gama d’Eça, 1922.</p>	<p>“Mas o tempo ia passando, apressurado, na garupa do sol como se fosse tirar o pai da força.</p> <p>Uma a uma as mulheres bateram pras suas casas, a perparar o comer, que as famílias, coitadinhas, já deviam estar com as tripas numa ronqueira de <u>gastura</u>. O sol queimava. Fazia tanto calor como nas zinas do verão”.</p>	<p>Ao saber da morte de Miguelinho em via pública, os moradores das redondezas foram ver o cadáver. Após sanada a curiosidade de observar o corpo morto, as mulheres que estavam no ajuntamento decidiram voltar para suas casas e preparar comida para suas famílias que já estavam com as tripas roncando de gastura.</p>	<p>Gastura no sentido de sensação de fome.</p>
<p>Sagarana,</p>	<p>“— Você tem raiva</p>	<p>Dois personagens</p>	<p>Gastura como</p>

<p>João Guimarães Rosa, 1937.</p>	<p>desse, também, Manuel? — Não é raiva, não seu doutor: é gastura... Esse-um é maligno e está até excomungado... Ele é de uma turma de gente sem-que-fazer, que comeram carne e beberam cachaça na frente da igreja, em sexta-feira da Paixão, só p'ra pirraçar o padre e experimentar a paciência de Deus..."</p>	<p>dialogam. Um deles é um médico genericamente chamado de Doutor e Manuel Fulô. Este se queixa de Targino, descrito como valentão e irreverente com as famílias e sua religiosidade.</p>	<p>sentimento de desaprovação, de repulsa contra um comportamento social considerado inapropriado.</p>
<p>Sagarana, João Guimarães Rosa, 1937.</p>	<p>“— Bom, vamos mesmo parar, que a despesa já está alta, com tanta garrafa aberta... Só queria lhe explicar ainda, seu doutor, que, eu... E Manuel Fulô desceu cachoeira, narrando alicantinas, praga e ponto e ponto e praga, até que... Até que assomou à porta da venda — feio como um defunto vivo, gasturento como faca em nervo, esfriante como um sapo — Sua Excelência o Valentão dos Valentões, Targino e Tal. E foi então que de fato a história começou”.</p>	<p>Após consumirem um pouco de bebida, o Doutor recomenda que ele e Manuel Fulô encerrem o consumo de álcool, visto que Manuel dava sinais de estar dando sinais de embriaguez. Em nova catarse, Manuel se queixa de Targino com o Doutor, a quem chamou de gasturento como faca em nervo, feio como defunto e esfriante como um sapo.</p>	<p>Gasturento como produtor de asco, de nojo, de gerador de repugnância sensorial. Relaciona a sensação como o trauma de um nervo produzido pelo contato com uma faca, como uma sensação térmica do toque num sapo, como o contato com um defunto vivo.</p>
<p>Sagarana, João Guimarães Rosa, 1937.</p>	<p>“Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinhãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desceu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no</p>	<p>O texto descreve o espancamento da personagem Nhô Augusto pelos capangas do inimigo, Major Consivla Recadeiro. Ao olhar para um dos algozes, decidiu fechar os olhos, pois considerava que a imagem do personagem lhe transmitia a ideia de crueldade.</p>	<p>Gastura no sentido de reação de receio diante do risco iminente da morte cruel.</p>

	<p>meio deles, o capiauzinho monggo que amava a mulher-à toa Sariema. E Nhô Augusto fechou os olhos, de <u>gastura</u>, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança”.</p>		
<p>Grande Sertão: Veredas, João Guimarães Rosa, 1956</p>	<p>“Mas, no extremo de adormecer, ainda intrují duas coisas, em cruz: que Medeiro Vaz estava in- sensato? - e que o Hermógenes era pactário! Tomo que essas traves fecharam meus olhos. De Diadorim, aí jaz que descansando do meu lado, assim ouvi: - "Pois dorme, Riobaldo, tudo há-de resultar bem..." Antes palavras que picaram em mim uma <u>gastura</u> cansada; mas a voz dele era o tanto-tanto para o embabo de meu corpo. Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele - os gostares...”</p>	<p>Riobaldo, o protagonista do romance, desce do seu cavalo cansado e reflete com perturbação sobre outros personagens. Enquanto seus pensamentos lhe tiram o sono, seu amigo Diadorim emite palavras de conforto, que lhe chegam aos ouvidos na forma de gastura picada.</p>	<p>Gastura enquanto sentimento ambíguo de picadura e alento.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

As duas obras iniciais (ALENCAR, 1871; 1872) foram escritas no Período Imperial e são estilisticamente classificadas no Romantismo, movimento que contribuiu no campo das artes, por seu caráter regionalis-

ta, para a consolidação do afastamento entre Portugal e sua antiga colônia. As demais três obras foram escritas já no Período Republicano, sendo a primeira delas publicada no mesmo ano da Semana de Arte Moderna (GAMA D'EÇA, 1922) e as duas mais recentes escritas por um mesmo poeta (GUIMARÃES ROSA, 1937; 1956); ao longo de um período de intensas mudanças na sociedade brasileira, que incluíram a reação republicana contra a movimentos revolucionários, o Período Vargas, da ascensão de Juscelino Kubitschek e a inauguração do Museu de Arte Moderna (FAUSTO, 2019).

Nas obras escritas por Alencar no século XIX, percebe-se o uso da vogal “a”, representada pela ocorrência do verbo *agastar* (ALENCAR, 1871) e do substantivo *agastura* (ALENCAR, 1872). Na primeira, são identificadas três ocorrências na forma verbal (*agastada*, *agastava* e *agastando*), ambas das quais representando fenômenos psíquicos relacionados à timidez, constrangimento ou contrariedade. Não existem referências a estruturas orgânicas ou a sintomas clínicos nas menções do termo. Na segunda obra foi verificada apenas uma ocorrência na forma substantiva (*agastura*), representando também um desconforto psíquico de repugnância por uma personagem diante de modos despolidos de outra. Nessa última, existe uma referência a uma sensação de aperto ao órgão coração, embora fique patente que a referência não se aplica a uma ocorrência primariamente orgânica, senão a uma mera citação poética de uma afetação psíquica.

A ocorrência seguinte foi publicada 50 anos após a primeira obra (GAMA D'EÇA, 1922). Nessa, o autor faz correlação entre o vocábulo e um desconforto na topografia abdominal (estômago), embora também aqui a sensação não esteja relacionada a um processo patológico, e sim à percepção orgânica de fome. Já nesse texto, não se observa a existência da vogal “a”, sendo o termo grafado nesta obra apenas como *gastura*.

O último autor publicou a primeira das obras analisadas 65 anos após o lançamento da primeira (GUIMARÃES ROSA, 1937). Duas ocorrências do substantivo *gastura* e uma do adjetivo *gasturento* são identificadas, ambos também sem vogal “a” no início da palavra. Em todos os casos, os vocábulos se referem às características de uma personagem de comportamento violento e autoritário ou à sensação de repugnância produzida pelo mesmo. Denotando asco e nojo, não existe menção a órgãos vitais, embora aponte de forma sutil para o induzimento de náuseas e vômitos diante de uma cena repugnante, mesmo que o texto não ofereça elementos concretos que apontem para estes sinais e sintomas. A terceira

ocorrência tem interpretação mais complexa, considerando a subjetividade do contexto quando a *gastura* é experimentada. Trata-se de uma reação emocional diante do risco iminente de morte, que produziu a decisão de fechar estrategicamente os olhos, talvez simulando a perda da consciência, a fim de dissuadir os algozes de continuar um ato de tortura. Associa, portanto, o termo *gastura* à sobreposição de dor física e medo da morte produzidas no contexto de uma violência física brutal.

Oitenta e cinco anos após a primeira publicação estudada, surge a última ocorrência (GUIMARÃES ROSA, 1956), quando novamente o termo *gastura* representa uma mescla de encorajamento e picada, talvez a experiência de um benefício global associado a um grau inicial de desconforto.

A semântica de *agastura* em Alencar (1871, 1872) está claramente relacionada aos fenômenos psíquicos, decorrentes de situações embaraçosas. Ao que demonstram os resultados, enquanto perdia a vogal, o vocábulo ganhava alguma correlação com as repercussões corporais de transtornos emocionais, ou mesmo obtinha status de sinônimo de sintoma de patologia primariamente orgânica.

Munhoz, Schmdt & Fontes (2015) entrevistaram 43 puérperas de Cianorte, Paraná, a respeito das dificuldades no cuidado dos recém-nascidos. Uma das entrevistadas mencionou a sensação de *gastura* como dificuldade de tratar do coto umbilical. Considerando se tratar de assistência de terceiros, pondera-se aqui a inexistência de elementos orgânicos pessoais, restando apenas a interpretação de se tratar do desconforto por presenciar situação cruenta, conforme menciona a personagem de Alencar (1872) descrevendo uma pessoa como desagradável como “faca no nervo”, como o contato com um “defunto vivo”, “esfriante como um sapo”. De forma análoga à personagem de Alencar (1872), um dos entrevistados por Oliveira (2018) em Vitória de Santo Antão, Pernambuco estabelece relação entre o coração e o termo *gastura*. Entretanto, não cita qualquer queixa psíquica, incluindo o termo numa lista de queixas tipicamente orgânicas como tontura, vômitos, desmaios, dor no peito, palpitação e dor nas pernas.

Gama D’Eça (1922) atribui a expressão *gastura* à sensação gástrica produzida pela fome. De forma análoga, Gama *et al.* (2018) realizaram um inquérito sobre saúde em comunidades ribeirinhas de Coari, Amazonas, quando optaram pelo uso daquela expressão no lugar de azia. Rabelo, Alves & Souza (1999) estudaram as experiências narrativas da

doença mental e, descrevendo um caso de paciente que chamava por sua mãe relatando *gastura*, pedindo “um pedacinho de pão com café” para aliviar este desconforto. Barbosa (2019) também interpreta a fala de um de seus entrevistados como “sensação de vazio” produzida pelo diagnóstico do câncer. Ainda sobre a correlação entre alimentação e o vocábulo, Barros E Botazzo (2011) descrevem o uso deste vocábulo em entrevista de paciente de Cotia, Estado de São Paulo, que se queixava de desconforto na articulação têmporo-mandibular quando mastigava.

Assim como na literatura brasileira, alguns pesquisadores descrevem o termo *gastura* como sensação complexa presente (ou não) nas associações entre fenômenos psíquicos e manifestações físicas do processo saúde-doença. Albuquerque E Maia (2013) investigaram as alterações do humor e impactos na sexualidade feminina durante o tratamento do câncer no município de Barbalha, região do Cariri, interior do Estado do Ceará. Dentre 12 mulheres entrevistadas, uma mencionou sentir *gastura* em dois fragmentos de sua fala. Na primeira delas, não estabeleceu uma clara diferenciação entre sintomas clínicos e psíquicos, relatando “depressão por causa da doença”, mencionando ter se sentido mal, com *gastura* e vomitando muito. No segundo fragmento, fez uso da expressão como sinônimo de falta de “paciência para ficar conversando”, embora tenha mencionado que “a *gastura* subia”, projetando-se, portanto, em uma região corporal.

Steffens (2011) investigou a subjetividade da sensação da coleta do preventivo colpocitológico em Cristópolis, Bahia, durante o ano de 2008. Dentre as 12 mulheres entrevistadas, duas delas informaram a sensação de *gastura* durante a coleta do exame. Uma delas relacionou o termo com a sensação de estar sendo “mexida por dentro”. A segunda relacionou o termo *gastura* com a sensação térmica de “friagem” e a percepção de estar tendo o útero raspado.

Nenhuma menção foi encontrada na literatura sobre o vocábulo *gastura* enquanto deturpação da percepção tátil, amplamente denominada de dormências e clinicamente definida como parestesia. Fröhlich et al. (2015) elaboraram o Consenso Brasileiro para diretrizes de diagnóstico e tratamento da síndrome das pernas inquietas como uma das queixas relatadas por pacientes com este diagnóstico. Também não foi identificada qualquer menção na literatura brasileira correlacionando o termo a doença renal, como descrito por Freire *et al.* (2020). Apesar disso, esses pesquisadores mencionam que o entrevistado exemplificou o termo por meio de “vontade de provocar (o vômito?) e boca amargando”.

4. Discussão

A dimensão interdisciplinar das interpretações sensitivas é uma forma importante de investigação dos sentidos experimentados pelo ser no mundo. Uma demonstração da amplitude das possibilidades de representações de fenômenos sensitivos pode ser ilustrada por pesquisas, onde diversas sensações táteis são descritas como mais ou menos confortáveis, quando se avalia a impressão produzida por produtos têxteis em contato com a pele humana, sendo a *gastura* descrita como uma das possibilidades desconfortáveis (NAGAMATSU, 2016).

A complexa diversidade de interações inclui o fenômeno comunicativo, método pelo qual o médico toma contato com o sofrimento de seu paciente, transmitida por este mesmo, que descreve seus sintomas por meio da linguagem. Embora a comunicação esteja presente no cotidiano humano de forma quase que natural, certas reflexões têm sido elaboradas com objetivo de ampliar as possibilidades de interação entre os seres. No cenário dos serviços de saúde estes estudos têm sido explorados como uma das possibilidades denominadas de clínica ampliada. Haddad et al. (2011) definem que a clínica ampliada consista em um conjunto de estratégias que favoreçam à assistência mais próxima durante o processo saúde–doença, tanto no nível individual quanto coletivo. Neste contexto, afirma-se que:

Nesse processo de ampliação da clínica, a comunicação se apresenta como recurso essencial, já que se compõe de elementos facilitadores ou dificultadores no processo das relações interpessoais. No contexto assistencial da atenção básica, a comunicação deve servir para veicular informações, valores e emoções. Enfim, gerar e manter vínculos, no intuito de promover a saúde e a cidadania. Assim, a comunicação é essencial para a promoção da saúde e da cidadania do usuário na atenção primária e requer competências, habilidades e atitudes para ser instrumentalizada. (HADDAD *et al.*, 2011)

O desafio de oferta de uma assistência humanizada nos serviços de saúde enfrenta obstáculos que incluem barreiras sociais, dentre as quais se podem incluir os linguísticos. Viganó (2017) reflete a respeito da forma como os pacientes se utilizam da linguagem coloquial para manifestar seus sintomas aos médicos, como se observa no fragmento de sua autoria:

Entretanto, o campo que mais me atia a curiosidade é o dos nomes populares de sintomas e doenças. Competente amigo médico relatou-me, há alguns anos, a surpresa de que foi tomado quando uma de suas pacientes queixou-se de “agastura aqui do lado”. Só após bem conduzida anamnese

conseguiu descobrir que mal era aquele que não constava dos compêndios médicos [...] (VIGANÓ, 2017)

Interpretar conteúdos comunicativos tem sido objeto de estudos de linguistas, psicólogos e filósofos, passando recentemente a ser também campo de interesse dos profissionais de saúde. Incipiente no Brasil, tem na Universidade de Torino, Itália, um dos mais importantes centros de estudo sobre linguística médica e clínica.

Cançado (2008) define que alguns linguistas estudam a teoria semântica a partir de uma noção de referência entre as expressões linguísticas e o mundo, enquanto outros a investigam em sua associação com uma representação mental. As primeiras são chamadas de semântica formal, lógica, referencial ou valor de verdade. As segundas são conhecidas como teorias mentalistas, representacionais ou cognitivistas. Quando se aplica a noção referencial da semântica, é possível que se admita a ocorrência de relações que variam entre uma correspondência rígida e uma noção semântica que depende profundamente do conhecimento prévio, que falante e ouvinte compartilham entre si, relacionado a uma vivência contextual extralinguística comum.

Para além de uma mera investigação de sinonímias e antonímias, o exercício semântico a partir da análise comparativa de um termo em diferentes estilos literários e/ou períodos históricos pretende uma abordagem na qual se deseja conhecer a interpretação de um vocábulo a partir do seu contexto. Não se trata, aqui, do exercício elementar de debater os diversos significados das palavras *manga*, *canto* ou *banco*. Também não se refere a uma reflexão sobre os desdobramentos do significado da palavra pé aplicada como segmento do corpo humano ou de outras aplicações assemelhadas em entes inanimados. Trata-se aqui da exploração de recursos que possibilitam uma ampliação das possibilidades da comunicação em situações quando os sentidos de palavras ambíguas guardam alguma relação entre si, que a lexicologia denomina de polissemia (CANÇADO, 2008). Tanto a observação cotidiana da utilização do vocábulo *gastura*, quanto o resultado da pesquisa realizada nos textos literários apontam para o caráter polissêmico do vocábulo, desde sua utilização mais remota em terras brasileiras.

Muito embora a pesquisa semântica consista de uma atividade de elevada relevância para a captura do sentido da linguagem, a investigação filosófica de seu sentido também pode oferecer importantes contribuições na construção dos elos relacionais entre os seres humanos. Para Nascimento (2019), o conjunto de relações estabelecidas entre o que

Heidegger denominou de *ser-aí* (*dasein*) é um conjunto de afetações que envolvem as inter-relações inseparáveis entre os indivíduos e o mundo onde vivem, profundamente associado à própria historicidade, a partir do que cada qual vivencia suas experiências de forma particular, de forma que a manifestação linguística de uma sensação poderá, no máximo, ser interpretada como experiência possível a cada *ser-aí* e, na melhor das hipóteses, compartilhada com outro *ser-aí* por meio de um código que terá como referência a experiência particular do ouvinte no processo hermenêutico.

5. Considerações finais

Um dos mais relevantes elementos de conexão entre o médico e seu paciente é a comunicação. Por meio desta, é possível a transmissão das queixas do paciente, mas esse ato se torna especialmente efetivo quando palavras são apropriadamente compreendidas, o que demanda uma postura ativa de envolvimento cultural entre médico e paciente, tendo em consideração as possibilidades de uma mesma palavra representarem significados discrepantes entre falante e ouvinte.

O trabalho pretende trazer a linguística médica e clínica para o cenário da interdisciplinaridade na educação médica, destacando a importância do fenômeno comunicativo e a relevância de que este tema seja valorizado na formação de novos médicos e na educação continuada dos que já estão em atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, G. A.; MAIA, E. R. Alterações de humor e tratamento contra o câncer: impactos na sexualidade feminina. *Cadernos de Cultura e Ciência*, v. 12, n. 1, p. 102-9, 2013.

ALENCAR, J. *A Guerra dos Mascates*, 1871.

_____. *Romance Brasileiro*, Volume III, 1872.

BARBOSA, R. P. S. *Cuidados Paliativos: Vivência do cuidador familiar de paciente na fase final de vida*. (Trabalho de Conclusão do Curso em de Especialização em Cuidados Paliativos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal da Paraíba), 2019. Disponível em: <https://reposit>

sitorio. ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17451/1/RPSB18102019%20-%20ARTIGO.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: Noções básicas e exercícios*. 2. ed. Revisada. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 108p.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 14. ed. São Paulo:Edusp, 2019. 688p.

FREIRE, S. M. L. *et al.* Contextos de experiência de estar (des)confortável de pacientes com doença renal crônica. *Escola Anna Nery*, v. 24, n. 4, p. e20190326, 2020.

FRÖHLICH, A. C. *et al.* Brazilian consensus on guidelines for diagnosis and treatment for restless legs syndrome. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, v. 73, p. 260-80, 2015.

GAMA D'EÇA, O. *Vindita Braba*, 1922.

GAMA, A. S. M. *et al.* Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 2, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000205007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2021.

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*, 1956.

_____. *Sagarana*, 1937.

HADDAD, J. G. V. *et al.* A comunicação terapêutica na relação enfermeiro-usuário da atenção básica: um instrumento para a promoção da saúde e cidadania. *Mundo da Saúde*, v. 35, n. 2, p. 145-55, 2011.

MUNHOZ, N. T.; SCHMDT, K. T.; FONTES, K. B. Dificuldades vivenciadas por Puérperas no Cuidado Domiciliar com o recém-nascido. *Revvenferm UFPE online*, Recife, 9 (Supl. 3), p. 7516-23, abr., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/10489/11346>. Acesso em: 26 set. 2021.

NAGAMATSU, R. N.; ABREU, M. J.; SANTIAGO, C. D. Lexicondevelopment for Brazilian textile sensory analysis. In: 3º Congresso Internacional de Moda e Design. *Anais do CIMODE 2016*, 2016.

NASCIMENTO, C.L. *Cuidado e Educação: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019. 158p.

RABELO, M. C. *Experiência de Doença e Narrativa*, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999. 264p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scieloboo>

oks/pz254/pdf/rabelo-9788575412664.pdf#page=45. Acesso em: 25 set. 2021.

SANTOS, G. O.; STEFFENS, A. P. Representações das mulheres de Cristópolis sobre a importância do exame de colpocitologia. *ScireSalutis*, v. 1, n.1, p.15-27, Aquidabã, 2011.

VIGANÓ, D. *Credices e Nomes*. Associação Paulista do Ministério Público, 2017. Disponível em: https://www.apmp.com.br/wpcontent/uploads/2017/09/2017_CREncASENOMES.pdf. Acesso em: 25 set. 2021.